

# Contradições entre o cristianismo ortodoxo oriental e o cristianismo do Novo Testamento.

## Introdução

O livro do Apocalipse, capítulos 2 e 3, contém cartas de Jesus Cristo a sete igrejas na Ásia Menor, cada uma servindo tanto como endereço histórico quanto como tipologia simbólica das condições da igreja ao longo do tempo. Entre elas, a igreja de Pérgamo (Apocalipse 2:12-17) é frequentemente interpretada em perspectivas escatológicas como representante de uma fase do cristianismo caracterizada pela fidelidade em meio à perseguição, mas comprometida por alianças mundanas — especificamente, pela adesão a doutrinas semelhantes às de Balaão (que levavam à idolatria e à imoralidade) e aos nicolaítas (hierarquia clerical sobre os leigos). Historicamente, Pérgamo era um centro de culto imperial, com o “trono de Satanás” possivelmente se referindo ao altar de Zeus ou à veneração do imperador romano, simbolizando as complexas relações de poder do Estado. Ao aplicar essa tipologia à Igreja Ortodoxa Oriental (reavaliada a partir de análises anteriores utilizando doutrinas modernas), destaca-se a percepção de tensões entre a louvável preservação da fé antiga e os supostos desvios da pureza do Novo Testamento, como a integração com a autoridade estatal (cesaropapismo bizantino), estruturas hierárquicas e práticas modernas como contracepção e divórcio, vistas como concessões morais semelhantes aos ensinamentos de Balaão. A carta recomenda a fidelidade ao nome de Cristo, ao mesmo tempo que repreende a tolerância a doutrinas enganosas, convocando ao arrependimento e prometendo o maná escondido aos vencedores. Essa tipologia enfatiza temas de vigilância doutrinária, alinhando-se às críticas aos laços históricos da Ortodoxia com o império e a elementos extrabíblicos.

O termo “Cristianismo Ortodoxo” refere-se à Igreja Ortodoxa Oriental, que traça suas raízes às primeiras comunidades cristãs e reivindica uma continuidade ininterrupta com os apóstolos por meio da tradição, liturgia e doutrina. “Cristianismo do Novo Testamento”, como frequentemente usado neste contexto, geralmente implica uma forma de cristianismo baseada exclusivamente na Bíblia, sem desenvolvimentos posteriores como sacramentos formalizados ou práticas de veneração. Os críticos argumentam que certas crenças e práticas ortodoxas contradizem os ensinamentos do Novo Testamento sobre autoridade, salvação, culto e natureza humana. No entanto, teólogos e apologistas ortodoxos sustentam que suas doutrinas estão totalmente alinhadas com a Bíblia, interpretada através das lentes da tradição apostólica e dos escritos dos Padres da Igreja (líderes cristãos primitivos como Atanásio, Basílio Magno e João Damasceno).

A seguir, descrevemos as principais supostas contradições, com base na Bíblia e nos Padres da Igreja Ortodoxa. Essas contradições são fundamentadas em críticas comuns e refutações ortodoxas. Observe que os Padres da Igreja são fundamentais para a Ortodoxia, sendo frequentemente citados para apoiar as posições ortodoxas, embora as interpretações variem. Priorizamos a fundamentação em fontes primárias sempre que possível, apresentando ambos os lados para garantir equilíbrio.

## 1. A autoridade da tradição versus somente a Escritura

- Suposta Contradição (Visão Crítica): O cristianismo ortodoxo eleva a “Sagrada Tradição” (incluindo concílios ecumênicos, escritos dos Padres da Igreja, liturgia e ícones) à mesma autoridade da Bíblia, o que, segundo os críticos, anula a supremacia das Escrituras e leva a doutrinas criadas pelo homem. Isso contradiz a apresentação das Escrituras no Novo Testamento como suficientes e inspiradas por Deus, sem necessidade de fontes infalíveis adicionais. Por exemplo, 2 Timóteo 3:16-17 afirma: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”. Os críticos argumentam que isso torna

desnecessária a tradição extrabíblica, ecoando a repreensão de Jesus aos fariseus por priorizarem as tradições em detrimento da Palavra de Deus (Marcos 7:13: "Assim, vocês anulam a palavra de Deus pela tradição que vocês mesmos transmitiram").

- Refutação Ortodoxa: A tradição não é separada nem superior às Escrituras, mas as engloba, visto que a própria Bíblia ordena a adesão aos ensinamentos apostólicos orais e escritos. 2 Tessalonicenses 2:15 instrui: "Permaneçam firmes e apeguem-se aos ensinamentos que lhes transmitimos, seja por palavra, seja por carta." Padres da Igreja como Basílio Magno (c. 330-379 d.C.), em Sobre o Espírito Santo (capítulo 27), afirmam que as tradições orais (por exemplo, o sinal da cruz) possuem autoridade apostólica igual à das Escrituras, argumentando que foram transmitidas para evitar a corrupção doutrinária. Fontes ortodoxas enfatizam que a Igreja compilou o cânon do Novo Testamento por meio da tradição (por exemplo, através de concílios como o de Cartago em 397 d.C.), portanto, rejeitar a tradição mina a própria autoridade da Bíblia. Consideram que a ênfase exclusiva nas Escrituras leva ao caos interpretativo, pois a Bíblia não se interpreta por si mesma sem o contexto da Igreja.

## **2. Salvação como sinergismo (cooperação com a graça) versus somente a fé**

- Suposta Contradição (Visão Crítica): A Ortodoxia ensina a salvação como um processo que envolve a cooperação humana com a graça de Deus (sinergismo), incluindo obras como sacramentos e práticas ascéticas, levando à "deificação" (teose, tornar-se semelhante a Deus). Isso supostamente contradiz a ênfase do Novo Testamento na salvação somente pela fé, independentemente das obras. Efésios 2:8-9 declara: "Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isso não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie". Os críticos apontam para Romanos 3:28 ("O homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei") e argumentam que a Ortodoxia confunde justificação (declaração instantânea de justiça) com santificação (crescimento contínuo), potencialmente condenando almas ao adicionar o esforço humano.
- Refutação Ortodoxa: A salvação é pela graça, mas a fé é ativa e cooperativa, visto que a Bíblia integra fé e obras sem separação. Tiago 2:24 afirma: "Vejam que uma pessoa é justificada por obras e não somente pela fé", e o versículo 26 acrescenta: "Assim como o corpo sem o espírito está morto, também a fé sem obras é morta". Pais da Igreja como Atanásio (c. 296-373 d.C.), em Sobre a Encarnação, descrevem a teose como a restauração da humanidade por meio da encarnação de Cristo, não por mérito adquirido, mas pela participação na vida divina (2 Pedro 1:4: "Para que vocês se tornem participantes da natureza divina"). Os ortodoxos esclarecem que as obras são frutos da graça, não de méritos, e citam Filipenses 2:12-13 ("Desenvolvam a sua salvação com temor e tremor, pois é Deus quem opera em vocês") para mostrar a sinergia divino-humana. Eles argumentam que a ideia de "somente a fé" ignora todo o testemunho bíblico e corre o risco de antinomianismo (anarquia).

## **3. Veneração de ícones e santos versus proibição da idolatria**

- Suposta Contradição (Visão Crítica): Práticas ortodoxas como curvar-se, beijar ou orar diante de ícones de santos e de Maria são vistas como idolatria ou adoração, contradizendo a ausência de tais práticas no Novo Testamento e os mandamentos do Antigo Testamento contra imagens esculpidas. Êxodo 20:4-5 (citado no contexto do Novo Testamento) adverte: "Não farás para ti imagem esculpida... Não te prostrarás diante delas, nem as servirás." Os críticos não apontam precedentes no Novo Testamento para invocar santos como intercessores, citando 1 Timóteo 2:5: "Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem."
- Refutação Ortodoxa: A veneração (dulia) honra os santos como membros do corpo de Cristo, distinta da adoração (latria) reservada a Deus, e os ícones são janelas para o divino, não ídolos. A Bíblia descreve a veneração, como em Apocalipse 5:8 (anciãos oferecendo orações aos santos) e Hebreus 12:1 (nuvem de testemunhas). O Padre da Igreja João Damasceno (c. 675–749 d.C.), em Sobre as Imagens Divinas, defende os ícones contra a iconoclastia, citando a encarnação: uma vez que Deus se tornou visível em Cristo (João 1:14), representá-Lo honra a realidade de Sua humanidade. Os ortodoxos apontam para precedentes do Antigo Testamento, como os querubins na

Arca (Êxodo 25:18-22), e argumentam que o Novo Testamento cumpre, e não abole, esse simbolismo. Orar &quot;aos&quot; santos significa pedir sua intercessão, como em pedidos terrenos (Tiago 5:16: &quot;Orai uns pelos outros&quot;).

#### 4. Visão do Pecado Original e da Natureza Humana

- Suposta Contradição (Visão do Crítico): A ortodoxia ensina o &quot;pecado ancestral&quot; (a humanidade herda a mortalidade e a tendência ao pecado de Adão, mas não a culpa pessoal), rejeitando a depravação total ou a culpa imputada. Isso supostamente suaviza a descrição da escravidão da humanidade no Novo Testamento, minando a necessidade da expiação de Cristo. Romanos 5:12,18 afirma: &quot;Pois o pecado entrou no mundo por um só homem, e pelo pecado a morte... de uma só transgressão veio a condenação sobre todos&quot;.
- Refutação Ortodoxa: A Queda trouxe morte e corrupção, mas a culpa é pessoal (Ezequiel 18:20: &quot;Aquele que pecar, esse morrerá&quot;). O Padre da Igreja Irineu (c. 130-202 d.C.), em *Contra as Heresias*, descreve o pecado de Adão como algo que infectou a humanidade com fraqueza, não com dano automático, enfatizando a redenção de Cristo para curá-la. Os ortodoxos citam o Salmo 51:5 (&quot;Certamente eu nasci em pecado&quot;); como uma expressão poética, não como culpa doutrinária, e argumentam que sua visão se alinha com o chamado ao arrependimento do Novo Testamento, sem presumir condenação universal desde o nascimento.

#### 5. Sacramentos (ex.: Eucaristia e Confissão) como essenciais versus simbólicos

- Suposta Contradição (Visão Crítica): A Ortodoxia considera a Eucaristia como o verdadeiro Corpo e Sangue de Cristo (um memorial sacrificial repetido) e exige confissão aos sacerdotes para o perdão, contradizendo o sacrifício único e o acesso direto a Deus previstos no Novo Testamento. Hebreus 10:10,14: &quot;Fomos santificados mediante o sacrifício do corpo de Jesus Cristo, oferecido uma vez por todas... por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados.&quot; 1 João 1:9 promete a confissão direta a Deus.
- Refutação Ortodoxa: A Eucaristia é uma participação no sacrifício eterno de Cristo (Hebreus 13:8: &quot;Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre&quot;), não um novo sacrifício, conforme João 6:53-56 (&quot;Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos&quot;). O Padre da Igreja Inácio de Antioquia (c. 35-107 d.C.), em sua Carta aos Esmirneses, chama-a de &quot;o remédio da imortalidade&quot;. A confissão aos sacerdotes cumpre Tiago 5:16 e João 20:23 (Cristo dando aos apóstolos autoridade para perdoar pecados). Os ortodoxos veem os sacramentos como imbuídos de graça, não simbólicos, alinhando-se com a prática da Igreja primitiva.

#### 6. Cânon Bíblico (Inclusão dos Livros Deuterocanônicos)

- Suposta Contradição (Visão Crítica): A Bíblia Ortodoxa inclui livros como Tobias e Macabeus (Apócrifos em algumas interpretações), que não são citados no Novo Testamento como autoritativos e contêm supostos erros doutrinários (por exemplo, orações pelos mortos em 2 Macabeus 12). Isso expande o cânone para além das Escrituras Hebraicas usadas por Jesus, contradizendo o Antigo Testamento implícito de 39 livros do Novo Testamento.
- Refutação Ortodoxa: A Septuaginta (Antigo Testamento grego, incluindo estes livros) foi usada por Jesus e pelos apóstolos (por exemplo, Hebreus 11:35 alude a 2 Macabeus 7). Padres da Igreja como Atanásio os listaram em sua 39ª Carta Festiva (367 d.C.) como edificantes, e os concílios os confirmaram. Os ortodoxos argumentam que a remoção desses livros foi uma inovação e que eles apoiam doutrinas como a intercessão (em consonância com Apocalipse 8:3-4).

Em resumo, essas &quot;contradições&quot; frequentemente decorrem de diferentes hermenêuticas: perspectivas que enfatizam apenas as Escrituras priorizam a interpretação individual, enquanto a ortodoxia enfatiza a tradição comu-

nitária guiada pelos Padres da Igreja e pelo Espírito Santo. Fontes ortodoxas argumentam que suas práticas incorporam o cristianismo do Novo Testamento, enquanto os críticos veem acréscimos pós-apostólicos. Para uma análise mais aprofundada, consulte textos primários como a Filocalia (escritos dos Padres da Igreja). A historiografia, defendida em contextos ortodoxos, pode esclarecer essas questões examinando o judaísmo do Segundo Templo e as práticas da Igreja primitiva.